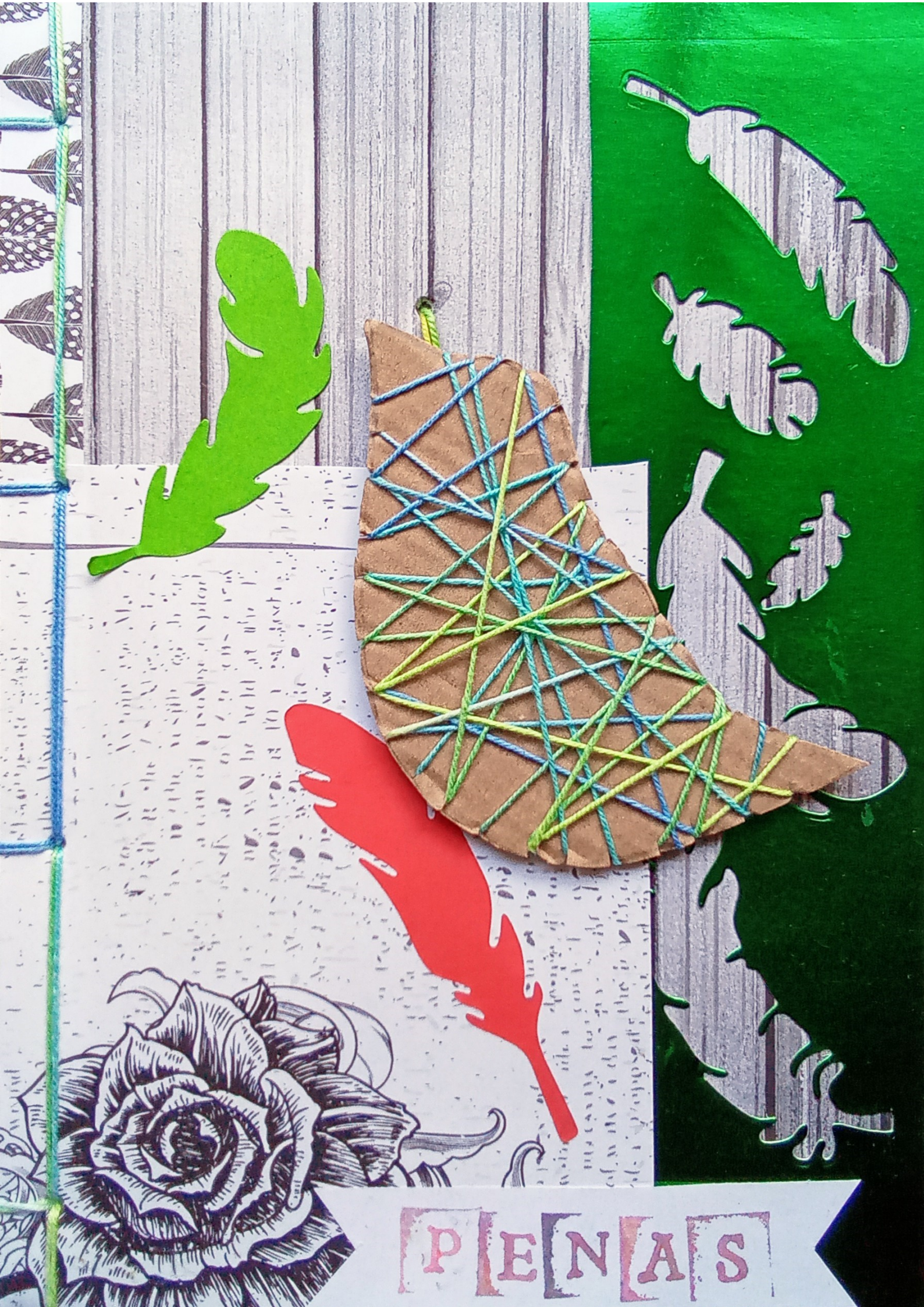




PENAS

Penas



Dezembro 2022

Colecção Animalia, 1

Sumário:

i **Nota prévia**

1 **Cresci numa quinta**

Texto de Maria Luísa Carneirinho

Colagem de Iara Carvalho

6 **Britango inspeciona humano**

Texto e fotografia de Pedro Ferrão Patrício

10 **Bagunçô**

Texto e fotografia de Sol Barreto

14 **Lembranças da minha Avó**

Texto de Luís Martins

Colagem de Iara Carvalho

23 **O canto do Gigante**

Texto de Luís Antero

26 **Cantos do Ameixoal**

Paisagem sonora de Luís Antero

Nota prévia

Este é o primeiro título da colecção Animalia, que visa compilar experiências de ligação entre pessoas e animais em estado de liberdade.

Este volume é dedicado aos pássaros, animais que se relacionam há milénios com os seres humanos, habitando um sem número de mitos, lendas, fábulas e aventuras reais ou imaginadas.

As pequenas narrativas deste livro não foram, contudo, criadas por mestres da escrita, nem por cientistas, reputados investigadores ou outros profissionais. São histórias recolhidas junto de familiares e amigos que tiveram encontros ocasionais com pássaros selvagens ou ligações mais ou menos permanentes com aves que connosco vivem paredes-meias.

São relatos do quotidiano de pessoas comuns que espelham a ligação ancestral entre humanos e aves. Uma relação com

raízes na própria biologia, pois partilhamos características como sangue quente, coração de quatro câmaras, ossos, hemoglobina e, até, a capacidade de dormir apenas com parte do cérebro, seja para permanecer atento num hotel desconhecido, seja para conseguir atravessar um oceano sem deixar de bater as asas.

Mas a nossa afinidade com os pássaros é mais profunda. Tal como os humanos, as aves conseguem usar ferramentas, imitar palavras, memorizar eventos a longo prazo, reconhecer a morte dos seus pares. Somos parentes próximos, pelo que a facilidade com que nos relacionamos não nos deve surpreender.

Voam neste livro pombas, abutres, caturras e corujas, também há quintais com galinhas e pintos e podemos até ouvir o canto dos pássaros, num registo áudio capturado por um caçador de paisagens sonoras, a que se pode aceder através de código QR no final do livro.

O canto das aves atrai os seres humanos desde o início dos tempos, anunciando a

existência de habitats favoráveis à nossa sobrevivência.

A paisagem sonora de Luís Antero foi recolhida em tempos de pandemia, mas prenuncia a inevitabilidade do regresso a uma vida normal, que para os pássaros nunca deixou de existir.

Seja, pois, este o ambiente sonoro destas histórias que constituem a nossa primeira edição fora de tempos pandémicos.

Seja, também, este livro uma celebração da nossa humanidade quotidiana e da simplicidade das relações com os nossos companheiros de penas, que, afinal, tanto revelam de nós próprios.

Cresci numa quinta

Cresci numa quinta, pés na terra, em pleno coração da "alta coimbrã ". Um privilégio mesmo ao lado do bulício da cidade.

Foi aí que pude vivenciar uma história simples cuja personagem principal é uma pomba - correio!

Numa tarde chuvosa de domingo, o meu pai entrou em casa com um pombo completamente encharcado e extremamente debilitado que tinha encontrado caído algures na quinta.

A debilidade do pombo comoveu toda a família e, cada um a seu modo, deu o melhor para ajudar à recuperação da pequena e frágil ave.

Lentamente, a ave foi recuperando, começando a comer de forma autónoma e a dar pequenos voos.

As semanas foram passando, o pombo recuperou totalmente, voava pela quinta e circulava naturalmente pela casa.

De um momento para o outro, porém, levantou voo de vez! A parte interessante é que não foi de vez!

Passados uns meses, num fim de semana, o pombo apareceu a voar em círculos e entrou naturalmente em casa como que a dizer "Cá estou de novo, tudo bem por aqui?"!

Ficou dois ou três dias e voltou a desaparecer. E esta cena repetiu-se várias vezes ao longo de alguns meses.

Perante este insólito procedimento da ave, numa dessas visitas, o meu irmão resolveu escrever num papel de seda uma mensagem do tipo "Este pombo tem história" e a nossa direção.

Colocou o pequeno recado preso à patita do pombo e deixou-o partir.

Passados alguns dias, chegou um postal - o pombo tinha chegado ao destino e levando a mensagem ao dono.

Na volta do correio, enviámos uma carta a relatar a "história" das visitas regulares do pombo à família que o tinha acolhido num momento de fragilidade.

O dono do pombal, localizado na zona de Lisboa, respondeu emocionado. A sua pomba (afinal era uma "ela") estava classificada por um desempenho muito fraco

quanto a tempos e orientação de percursos mas agora percebia que tudo estava condicionado pela gratidão eterna à "sua" família de Coimbra.

Perante isto só podia ter orgulho na sua pomba-correio e o seu desempenho era afinal excecional!

Maria Luísa Carneirinho



Colagem de Iara Carvalho
para o texto "Cresci numa quinta"

Britango inspeciona humano

Abutre-do-Egipto ou Britango (*Neophron percnopterus*) inspeciona humano de parapente armado em pássaro e decide juntar-se a ele.

Sobrevoam a Guarda acima dos 2500 metros de altitude enquanto se admiram mutuamente.

Porque se admiram eles?

Ninguém sabe... Por curiosidade?

Os humanos juntam-se aos abutres quando encontram uma térmica, da mesma forma

também eles se juntam aos humanos quando são estes a encontrá-las primeiro.

Nas térmicas ganha-se altitude andando aos círculos para permanecer na massa de ar quente que sobe.

Depois de ganhar altitude, tanto os abutres como os humanos seguem, a planar, para outro lugar onde acham que vai haver outra térmica.

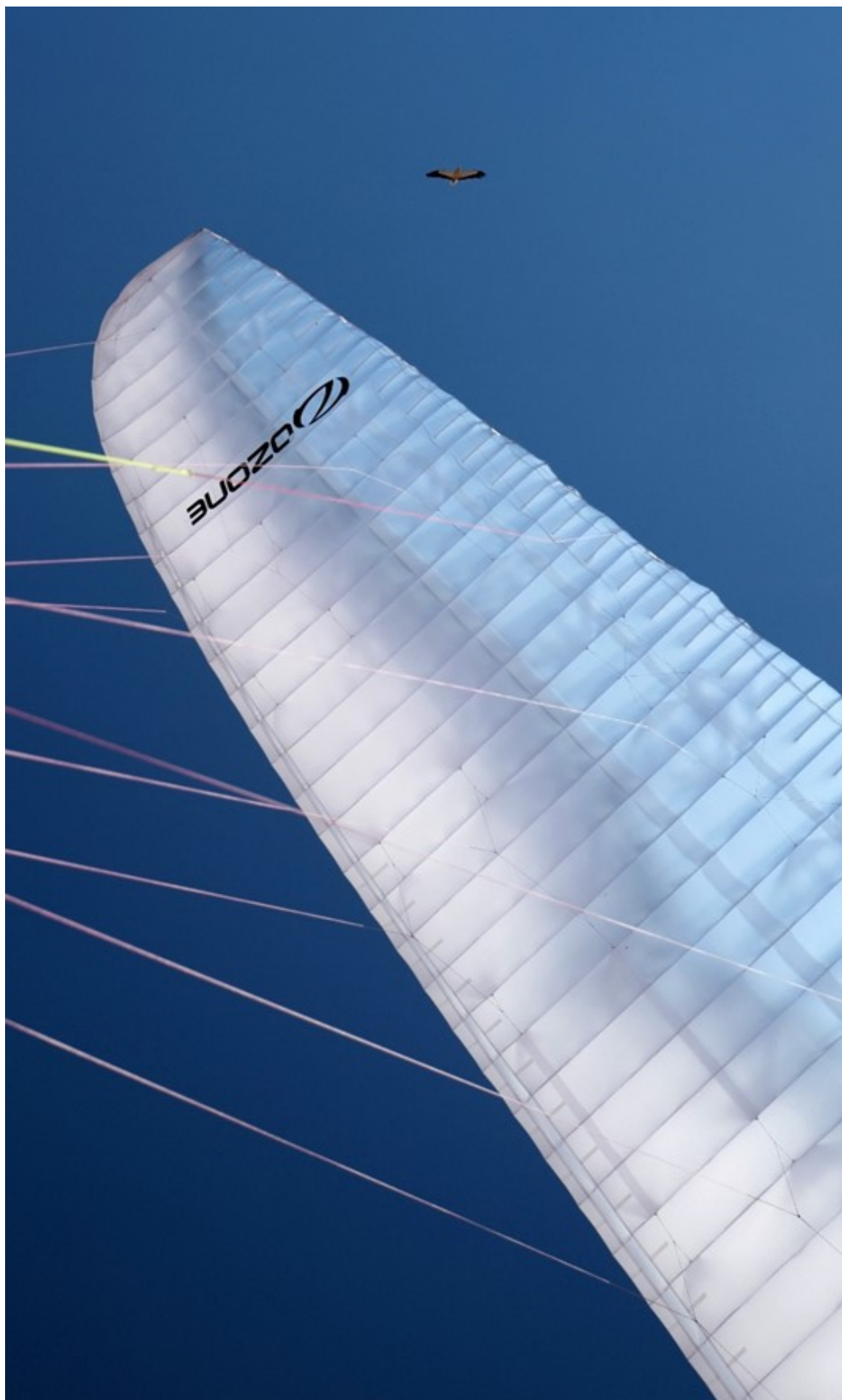
Para os abutres, conseguir cobrir distâncias desta forma significa não bater as asas quase nunca e com isso poupar energia.

Sobrevoam juntos a Guarda durante dez minutos, o abutre desaparece de repente

no céu, o humano segue para nordeste e continua o seu voo.

Nenhum saberá dizer qual dos dois encontrará primeiro a próxima térmica que subirão juntos.

Pedro Ferrão Patrício



Fotografia de Pedro Ferrão Patrício

Bagunço

Era amarelinho feito o sol o nosso passarinho... ou como a gema do ovo?

Não importa, chegou em casa trazido pelas mãos da filha e do pai. Uma calopsita, também conhecida por caturra em alguns lugares por aí. Foi nomeado por Biscoito.

A filha esparrodou-se em carinhos e caprichos: gaiolinha, comidas, vasilhas e traquitanas, mimos bancados pelo pai.

A mãe, atarefada que era, apenas acompanhava os acontecimentos com o olhar de observadora atenta e sensível. A chegada de Biscoito trouxe mais alegria à casa, dengoso que era.

A doçurinha passava a maior parte do tempo solta pela casa, andando, alçando pequenos voos ou no dedo da filha recebendo carinhos e agrados.

Voaram-se talvez dois anos de muito encantamento. Num dia de inverno, a inesperada surpresa: um ovo. Espanto e alvoroço dentro da casa.

Como assim?

Biscoito era Biscoita?

Descobrimos que o vendedor enganou-se no ato da venda. E descobrimos também que as calôs fêmeas podem botar ovos sem se acasalarem. Quantas descobertas!

Um dia, tempos depois, a família saiu e se esqueceu de guardar a Biscoita na gaiola, como era de costume. Pois a danadinha saiu pelo burquinho da porta - corroída pelo tempo - e foi para o quintal.

Silêncio.

Não sabemos o que se sucedeu, mas, quando retornamos ao lar, deparamo-nos com suas penas espalhadas pela grama e pela garagem.

Olhamo-nos sem querer acreditar no que víamos. Nossos corações palpitarão de tristeza.

A filha derramava-se em lágrimas e talvez essa tenha sido a sua primeira perda na vida.

O tempo passou, quase uns dez anos... o pai também se foi, outras calôs passaram pelas nossas vidas e digo que a primeira será sempre inesquecível, porque, num certo dia, bagunçô nosso pensamento.

E as penas? Essas e todas as outras vão ficando na memória.



Fotografia de Sol Barreto

Lembranças da minha Avó

O amor pelos pássaros herdei-o da minha querida avó.

Desde os tempos em que comecei a ter consciência de mim que me lembro de olhar para o telhado, da sua humilde casinha, coberto de pombos que descansavam, felizes, a sua liberdade.

Uma casa muito pequenina, tão pequenina que transbordava amor. Toda ela transbordava amor, saía pelas janelas, pela porta. Este amor que era o meu porto de abrigo.

Longas tardes, calmas, tranquilas. Uma tranquilidade que fazia parar o tempo. Tardes regadas por uma caneca de Tofina, acompanhada de pão com manteiga e dos bolinhos que a avó, secretamente, guardava no armário para o seu neto.

Bolinhos que eram "pedacinhos" de coração que a avó oferecia e que o neto recebia. Uma troca entre o coração grande da avó e o pequeno coração do neto, que se alimentava do seu amor, do imenso amor com que a avó enchia os dias do seu neto.

O neto contemplava a arte que a avó trazia nas mãos e que vinha das suas profundezas. A arte de cuidar. Das galinhas, dos coelhos e dos pombos. Nessas longas tardes surgiam as conversas em que o neto falava dos pombos como se de pessoas se tratassem.

- Avó, esta cinzenta e branca é acasalada com aquele castanho e têm ninho no barrote, por cima do barracão. Têm dois ovos e devem estar quase a nascer os borrachinhos.

A avó respondia que eu já os conhecia melhor que ela própria. E era verdade, conhecia mesmo.

As longas horas de observação, atenta, faziam nascer um conhecimento mais profundo. O prazer de ver a avó cuidar fez nascer um desejo, um desafio. A vontade de aprender a cuidar.

O desafio estava lançado por mim a mim próprio. Comecei a observar atentamente cada gesto, cada movimento da avó, para aprender a fazer. Depois tentava eu próprio fazer. "Avó, posso fazer eu?... Avó está bem assim?...". Das tarefas mais simples a outras mais complexas lá foi crescendo, também em mim, o gosto de cuidar.

Os pintainhos sempre foram um dos meus fascínios. Tão pequeninos, com umas penas tão fofinhas e tão coloridas. Então, a avó ensinou-me que quando uma galinha choca os seus ovos temos de ter cuidados especiais com ela.

Devemos manter o seu ninho protegido de ameaças externas - de outros animais, da chuva, do vento, etc. O ninho deve, por isso, estar abrigado e protegido.

A galinha choca os seus ovos durante 3 semanas, aquecendo-os de modo a que o seu calor faça desenvolver um pintainho dentro de cada ovo.

Devemos observar o ninho, com alguma regularidade, para ver se está tudo bem, se não há, por exemplo, nenhum ovo partido.

Aprendi a fazê-lo e assim fazia. Durante 3 semanas mantinha o ninho quentinho e abrigado, para que a galinha pudesse chocar os seus ovos confortável e tranquilamente.

Todos os dias observava o ninho, para me assegurar que tudo estava em boas condições. Os dias passavam e em mim, como em qualquer criança (penso eu), ia começando a desenvolver-se um certo fre-

nesim provocado pelo desejo de ver nascer os pintainhos.

Então lembrava-me dos ensinamentos da avó, do que eu via a avó fazer - "Os pintainhos não nascem todos ao mesmo tempo. Entre o primeiro e o último que nasce pode decorrer um a dois dias. Por isso, quando nascem os primeiros, devemos retirá-los do ninho, para não correrem o risco de cair e morrerem ou a possibilidade de algum bicho os matar. Depois de retirados, devemos pô-los num lugar aquecido, temos de os ensinar a comer e a beber.".

Eu seguia criteriosamente os ensinamentos da avó. Decorridas as três semanas de choco, começavam as observações mais regulares. Tinha chegado o momento de os pintainhos começarem a nascer.

Nessa altura, todos lá em casam sabiam que durante os próximos dias eu era o último a deitar-me e o primeiro a acordar porque não queria perder nenhum dos momentos desta fase da vida.

E, então, lembrava-me de mais uma dica da avó: "quando os pintainhos começam a bicar a casca do ovo podemos ajudá-los a nascer tirando cuidadosamente os pedacinhos quebrados, mas com muito cuidado mesmo, para não fazer sangue".

Assim eu fazia. Pedacinho a pedacinho ia ajudando estes pequenos seres a sair do seu "casulo". Quando finalmente saíam do ovo tinha, de novo, de se ter muito cuidado, só eles se podem libertar do cordão umbilical que os liga ao ovo. Todos estes procedimentos eram realizados com o máximo de cuidado, procurando salvaguardar o sucesso do nascimento.

Quando finalmente nasciam e a sua penugem estava seca, eram retirados e mantidos cobertos por uma manta quentinha. Chegava o momento de os ensinar a comer e a beber.

Durante um a dois dias, outros iam nascendo. A ninhada ia aumentando. A manta ia cobrindo mais e mais pintainhos.

Os primeiros, aqueles que tinham nascido mais cedo, iam-me ajudando a ensinar os mais recentes a comer e a beber. Eram dias felizes.

Quando os últimos nasciam davam lugar ao momento mais feliz, o momento em que juntava todos os irmãos e passavam a estar ao cuidado da mãe galinha. Tudo em mim vibrava de alegria, de uma felicidade enorme. Tarefa superada. Que bom ver a família toda junta, ter contribuído para a realização daquele feliz momento.

Desde cedo, ao contrário das outras crianças que gostavam de brincar com os seus brinquedos, ganhei o gosto por este cuidar. Preferia não ter brinquedos e cuidar dos pintainhos.

O meu tempo era ocupado com o que aprendi da avó - a cuidar dos pintainhos, dos coelhos e dos pombos.

Quando recebi a triste notícia de que a avó tinha partido para outro lugar, eu tinha vindo de sua casa.

Tinha ido prestar os meus cuidados às suas galinhas, aos seus coelhos e aos seus pombos.

Percebi que a avó tinha partido mas tinha deixado em mim a semente do muito que tínhamos construído em conjunto - o que fomos "plantando" em tardes de conversa regadas com canecas de Tofina, alimentadas a pão com manteiga e adocicadas com os bolinhos que a avó secretamente guardava para o seu neto.

Mas o que eu sabia mesmo é que a minha avó me tinha deixado o coração cheio, tão cheio de amor, daquele amor que transbordava da sua casa, que saía pelas janelas e pelas portas, para ficar gravado em mim, para sempre.

Luís Martins



Colagem de Iara Carvalho
para o texto "Lembranças de minha Avó"

O canto do Gigante

Em Alvoco das Várzeas, uma aldeia do concelho de Oliveira do Hospital, havia uma sobreira, assim a chamávamos, carinhosamente. No fundo, era um sobreiro, o sobreiro mais alto que alguma vez tínhamos visto. Chamávamos-lhe Gigante. Um Gigante Arbóreo.

Numa manhã de Inverno, a terra que sustentava o Gigante Arbóreo desabou. Com ela caiu a sobreira, tombou para a várzea que vivia a seus pés e levou com ela cerca de 50 metros da Estrada Nacional nº 230. Ficou uma cratera em frente à nossa casa. O barraco de madeira onde o meu pai assava os frangos desapareceu e as galinhas e o porco da minha tia, que viviam mesmo ali ao lado, também desapareceram. A sobreira tombou, deixando-nos um olhar triste e um sentimento pesado e de perda irremediável.

Nessa sobreira vivia uma coruja. Ou seria um mocho? Não sei precisar. O que sei é que o quarto dos meus pais dava para os ramos mais altos desta sobreira e por alguma razão o mocho (ou a coruja, não sei precisar.) servia de companhia aos meus pais na hora de deitar, como uma espécie de marco sonoro daquela árvore, que os tranquilizava com o seu canto, mantra nocturno.

Quando a sobreira caiu, a ave deixou de se ouvir e os meus pais, pesarosos, passaram uma ou duas semanas sem saberem muito bem o que lhes tinha acontecido. Faltava-lhes algo. faltava a companhia de alguém, faltava o som característico que emanava daquela árvore.

Eu dormia e não acordei com o estrondo do cair da 'nossa' árvore. Acordei dois ou três minutos depois com o grito de desespero do meu vizinho Manuel Dias por ter assistido ao desabar deste

símbolo, do Gigante Arbóreo da nossa aldeia, no dia em que também o Carlos Silva, jovem alvocense, acabaria por nos deixar.

Luís Antero

Cantos do Ameixoal

Durante o período de confinamento provocado pela pandemia Covid-19, foram alguns os locais que visitei de gravador e microfones na mão para gravar as suas paisagens sonoras.

Estas, sobretudo as da Geofonia e da Biofonia, estavam agora mais despertas que nunca, uma vez que os sons produzidos pelo homem eram em muito menor número mas, mesmo assim, nunca deixando de se fazer ouvir.

A vida na agricultura, na floresta ou na indústria, embora a um ritmo mais lento, nunca parou.

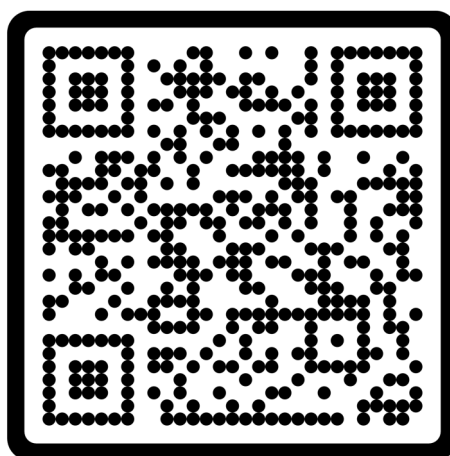
Este trabalho sonoro foi realizado com recurso a microfones binaurais na Quinta do Ameixoal, Lagares da Beira, Oliveira do Hospital, entre maio e setembro de 2020.

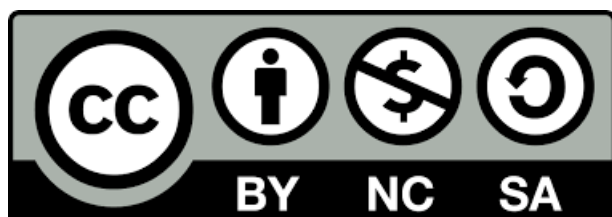
Um excerto da peça "Ameixoal IV" foi usada no concerto "92700 Anos", no Convento de São Francisco, em Coimbra, no âmbito da edição de 2020 do "Dar a Ouvir - Paisagens Sonoras da Cidade", na companhia do multi-instrumentista Luís Pedro Madeira e do percussionista Quiné.

Texto e paisagem sonora
de Luís Antero

Faixas:

- | | | |
|----|--------------|-------|
| 1. | Ameixoal I | 08:11 |
| 2. | Ameixoal II | 09:37 |
| 3. | Ameixoal III | 15:16 |
| 4. | Ameixoal IV | 05:34 |





Produção EVA CARTONERA

Exemplar / 60

